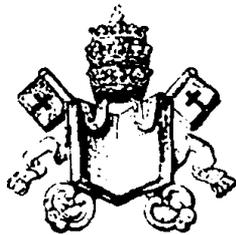


O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

GUIMARÃES, 15 DE MARÇO



DISCURSO

Do nosso SS. Padre Leão XIII
Aos representantes da imprensa catholica

De grande alegria e suave jucundidade trasborda o Nosso coração, ao ver-vos aqui presentes, filhos dilectísimos, que correspondendo aos votos e desejos d'um Nosso illustre Prelado, viestes em grande numero de toilas as partes do mundo para Nos dardes, ao começar do segundo anno de Nosso Pontificado, em vosso nome e no de todos os escriptores dos jornaes catholicos, um publico testimonho de fidelidade e sincera adhesão. Por quanto, a plenissima obediencia e a dedicacão á Cadeira de Pedro, de que ha pouco, com palavras e factos fizestes solemne profissão, o ardente amor á religião e essa generosa coragem com que tomastes a peito a defeza da verdade e da justiça, vos apresentam aos nossos olhos como um esquadrão de soldados escolhidos, peritos na arte da guerra, bem fornecidos d'armas, e promptos á voz do capitão a lançar-se onde mais ferve a peleja e a deixar alli a vida.

E maior motivo de alegrar-nos Nos vem de conhecermos a necessidade que ha na epocha presente d'estes auxilios e de taes valorosos campeões. Pois que obtida aquella desenfreada liberdade, que melhor se diria licença, de publicar pela imprensa tudo o que apraz, os homens amantes de novidade se deram logo a espalhar uma multidão quasi infinita de jornaes, que tivessem por fim impugnar ou pôr em duvida as normas eternas da verdade e da justiça, cobrir de calumnias e de odio a Igreja de Christo e infiltrar nos animos as mais perniciosas doutrinas. Ena verdade bem

compreenderam a vantagem immensa que poderiam tirar para os seus planos da publicação diaria de gazetas, que a pouco a pouco com o veneno dos erros estragassem as mentes e fomentando os depravados appetites, e lisongeando os sentidos, corrompessem os corações.—E foram n'isto tão felizes, que não afastaria muito da verdade quem quizesse attribuir principalmente aos maus jornaes a alluvião dos males e a tristissima condição de tempos e de coisas, a que temos chegado.

Tendo portanto o costume universal tornando d'algum modo necessarias as publicações jornalisticas, os escriptores catholicos devem a todo o custo procurar que volva em salvacão da sociedade e defeza da Igreja aquillo que pelos seus inimigos é empregado em damno d'uma e outra. Portanto ainda que aos bons escriptores não seja licito usar de certos artificios e seducões muitas vezes empregadas pelos adversarios, podem todavia facilmente equalal-os na variedade e elegancia dos escriptos e na diligente narrativa dos factos recentes; podem até excodel-os na abundancia de conhecimentos uteis, e no que é mais, na verdade que é o natural desejo da alma, e que quando se manifesta á intelligencia, tamanha é a sua força, tão singular a sua virtude e belleza que obriga a acceital-a ainda mesmo contra vontade — E para conseguir o exito desejado muito concorrerá o modo de escrever grave e moderado, que nem por excessiva e intempestiva aspereza offenda os leitores, nem por amor de partidos ou interesses particulares deixe de servir ao bem commum.—Deveis, porém, ter sobretudo a peito, como recorda o Apostolo, *que todos digam a mesma coisa e que não haja entre vós divisões, mas que estejam perfeitamente de accordo no mesmo pensamento e na mesma sentença* (1), prestando sincera e firme adhesão ás doutrinas da Igreja Catholica.

E essa concordia é hoje mais necessaria porque no meio mesmo dos que se contam no numero dos catholicos, não falta quem presuma resolver e definir a seu arbitrio publicas controversias, até de gravissima importancia, e que dizem respeito á propria condição da Sé Apos-

tolica, parecendo opinar diversamente do que requer a dignidade e a liberdade do Pontifice Romano. Para extinguir portanto qualquer occasião de erro importa muitissimo recordar novamente aos catholicos que o supremo poder da Igreja, divinamente conferido a S. Pedro e aos seus Successores para conservarem na fé toda a familia catholica e guial-a para a eterna bemaventurança, segundo os divinos ensinamentos do proprio Jesus Christo, deve gosar d'uma plenissima liberdade; e que precisamente para que esta authoridade pudesse livremente exercer-se sobre toda a terra, a Providencia divina dispôz que depois das perigosas vicissitudes dos primeiros tempos, se ajuntasse á Igreja de Roma o dominio temporal, e que se conservasse por uma longa série de seculos no meio de infinitas mudanças de povos e ruinas de reinos. Por esta razão, na verdade gravissima, como já muitas vezes dissemos, e não por ambição de reinar, nem por espirito de dominacão os Pontifices Romanos, todas as vezes que viam que era perturbado ou violado o seu principado civil, julgaram dever do ministerio apostolico conservar illesos os sagrados direitos da Igreja e defendel-os com todas as suas forças; e Nós mesmos, seguindo os exemplos dos Nossos Predecessores, não cessamos nem cessaremos já-mais de proclamar e reivindicar estes mesmos direitos.

Por isso, filhos dilectísimos, vós que sois summamente dedicados á Sé Apostolica, e vos mostraes promptissimos a defender a sua causa, fortes e unanimes, de viva voz e por escripto não cesseis de propugnar a necessidade da soberania temporal para o livre exercicio do Nosso supremo poder; e com a historia na mão demonstreae ser tão legitimo o direito em que foi constituida e mantida, que nas coisas humanas não poderá encontrar-se outra maior nem equal.

Se porém, para attrahir-vos o odio de muitos, alguém for espalhando que esta soberania temporal é inconciliavel com o bem estar da Italia e com a prosperidade dos Estados, replicae-lhe, que a tranquillidade dos povos nada tem que temer da soberania dos Pontifices e da liberdade da Igreja. Não, a Igreja não excita os povos á sedicão, mas os contém e pacifica; não fomenta odios e ini-

(1) I, Corint. I. 10.

mizades, mas com a caridade as extingue; não estimula a ambição e a arrogancia de governar mas a modera com o pensamento da severidade do juizo final e com o exemplo do Rei dos Céus, não invade os direitos da sociedade civil, mas os consolida; não aspira ao dominio dos Estados, mas exercendo fielmente o ministerio que lhe foi divinamente confiado, conserva intactos e em vigor os principios da verdade e da justiça em que se baseia toda a ordem e d'onde provem a paz, a honestidade e toda a civilisação.

No que diz respeito aos povos italianos fallam os monumentos dos tempos passados mostrando quanto os Pontífices Romanos foram sempre benemeritos d'esta santa Cidade e de toda a Italia; e attestam outrossim que a mais preclara gloria de Roma lhe vem da Fé Catholica, por quanto, no dizer de S. Leão Magno, *tornando-se pela Veneranda Sé de S. Pedro cabeça de todo o mundo, adquiriu mais vasto imperio pela religião de Christo do que pela antiga dominação terrena* (1). Acrescentao ainda, que, como ninguem ignora, os Pontífices Romanos tiveram sempre os maiores cuidados em alimentar as lettras e as sciencias, protegeram generosamente as bellas artes, e com justo e paternal regimen fizeram a felicidade dos seus povos.

Dizei finalmente, que a Italia já-mais poderá prosperar nem gozar d'uma duradoura tranquillidade enquanto não se providenciar, como o direito reclama, a dignidade da Sé Romana e a liberdade de Summo Pontífice.

Estas e semelhantes coisas que tanto interessam a sociedade religiosa e civil divulga cada dia nos vossos jornaes corroborando-as com fortes razões. Seja um só em vós todos o espirito e o amor, defender a causa da Igreja e propugnar os direitos do Pontificado Romano.

N'esta lucta que sustentareis pela religião e pela liberdade da Igreja, não poderá certamente faltar-vos uma abundante messe de amarguras, de fadigas e asperas difficuldades; não percaes, porém, o animo, que aos seguidores de Christo pertence realisar empresas difficeis, e supportar grandes coisas. O Senhor vos sustentará na peleja, dando-vos o copioso soccorro dos celestes favores.

E para que estas sejam cada vez mais abundantes, a todos e a cada um dos escriptores dos jornaes catholicos, em penhor do Nosso paternal affecto, concedemos do intimo do coração a Benção Apostolica.

(Da Correspondencia de Roma).

A historia dos povos sob o aspecto catholico

(Conclusão)

A historia, como sciencia propriamente dita, é essencialmente moderna.

As olympiadas gregas, as chronicas occidentaes, as ephemerides dos povos do norte nas idades anti-christãs são outros tantos padrões erigidos ao genio civilizador, ou bellicoso d'esses povos, encarnado nos feitos que os celebrisaram. São outro sim muitas vezes o registro lugubre das suas vicissitudes, e total decadencia. Mas a historia é alguma cousa mais que um quadro d'honra ou um assento de cemiterio; é a alta philosophia da origem, do sentido, e dos destinos das nações, a expressão grave das leis que presidem á sua formação, evoluções e peripecias.

A historia d'est'arte encarada, foi desconhecida dos antigos; brotou do genio moderno illuminado ao sol do christianismo.

Definil-a portanto o desenvolvimento do homem desde o seu germen até á sua plena maturidade, é dizer apenas uma parte da verdade, eliminando o resto d'ella. A historia n'este caso fôra tão sómente a glorificação completa do homem, absorvendo em si o aspecto social.

Definil-a a epopêa do genero humana é simplesmente substituir uma definição rigorosa, por uma methaphora emprestada.

Definil-a a descripção exacta de todas as acções humanas dignas de memoria, de qualquer natureza que sejam, é definir o corpo da historia, roubando-lhe a alma que a anima, e a informa.

De feito, quando consideramos as dôres, as alegrias, e as prosperidades da humanidade no curso complexo dos annos, o genesis, o o apocalypse das raças, dos estados e dos imperios, o fular afanozo por onde se elevam gradualmente do seio da barbarie até ao esplendor da civilisação, para recahirem depois das alturas da civilisação na noite da barbarie; quando estudamos o character diverso das religiões, as contradicções flagrantes que n'ellas se observam tantas vezes; quando vemos alterarem-se as noções da virtude e da moralidade, tão oppostas entre si, não nos é possível refugir á segunda interrogação que naturalmente se apresenta ao nosso espirito.

Que significam todas estas cousas, e qual será por ventura o seu desenlace? Serão quiçá um cahos intrincadissimo, onde não ha, nem pôde haver cabida para a intelligencia que pretende sondal-o? Serão um mero capricho do acaso, divertindo-se nos espaços do mundo? ou dar-se-ha o caso que esta confusão apparente seja dominada por um espirito superior, envolto n'algun mysterio pro-

fundo? Terão todas essas evoluções um desfecho preciso, um termo certo, um fim melhor?

A' fé que sim, e é a idéa christã que resolve plenamente a incognita do problema.

Antes d'ella nunca fôra proposta semelhante questão. Nem gregos, nem romanos tinham scismado um só instante sobre esse nexo mysterioso que ligava os seus inicios ao seu desenvolvimento, e este ao seu magnifico esplendor.

Eram incapazes de tal.

Não conheciam, nem a nação nem o nome de *Providencia*.

No proprio *Biblion* do povo hebreu esta palavra apenas se encontra nove vezes.

O *nomos* (lei) a que o gentilismo attribuia todos os seus destinos tão complexos, e por vezes tão encontrados, era o *ineluctabile fatum*, o desolador fatalismo, envolto n'uma noite impenetravel, aonde já-mais descia nem um raio coado de luz.

Os proprios deuses, a darmos fé á cosmogonia, são filhos da noite e do destino; ignoram qual será a duração do seu poder ephemero, e se um dia não terão de cahir nas trevas d'onde surgiram.

E de facto, sumiram-se todos, desde Jupiter até Momo, e até Sterculio n'um cahos caliginoso e eterno.

O abysmo sem fundo que os gerára, era a propria noite do espirito humano. A luz evangelica despedaçou as trevas do paganismo, e com ellas esse céu de gaze serapintado de divindades feitiças e irrisorias.

Em taes circumstancias, era impossivel que a idéa d'uma providencia universal se diffundisse entre os homens, e chegasse a arraigar-se no terreno historico.

D'aqui mana que o conjuncto harmonico da historia não tinha para os pagãos nem significação, nem encadeamento racional.

Foi o christianismo, repetimos nós, e não cessamos de o repetir, que serviu de fio de Ariadna no dedalo immenso dos annaes dos povos.

Ao clarão, pois, d'este principio transluminoso a historia é:

A realisação no tempo e por meio do homem, dos designios que Deus concebera desde toda a eternidade, de promover pelo seu Christo um culto e uma homenagem dignos d'elle, e que tivesse a sua origem na actividade livre do homem.

Que um plano divino e eterno deva consummar-se no seio da historia, é este o corollario immediato do *lemma* essencialmente christão, que o mundo é regido pelo poder divino, como um alvo directamente tendente ao estabelecimento do reino do mesmo Deus na terra.

(1) Sermão na Nat. dos SS. Pedro e Paulo.

Sendo o Ser absoluto, não podia elle nas suas operações propôr-se outro fim além de si mesmo.

Supprimir-se-hia, se pudesse fixar outro termo á sua criação. E' esta uma verdade de intuição, que não carece, nem soffre prova. Deus é o oceano sem raias e sem fundo, d'onde tudo flue, e para onde tudo natural e inevitavelmente reflue.

Ora se o universo não é mais que uma sublime revelação do infinito, o primeiro dever do universo é reconhecer-o, affirmar-o, elevando para o infinito um hymno unisono de gloria.

Mas esta glorificação divina carece de um intermediario, outrosim divin.

Jesus Christo é a imagem de Deus invisível «*figura substantiæ ejus*» (S. Paul. ad Hebr. 1-3); o primogenito de todas as creaturas «*primogenitus omnis creaturæ*» (Id. ad Coll. 1-15); em quem na mente do Eterno todas as cousas visíveis e invisíveis deviam de ser instauradas «*instaurare omnia in Christo*» (Id. ad Ephes. 1-10); tudo sahiu do nada pela sua potencia suprema «*omnia per ipsum facta sunt*» (S. Joan Evang. 1-3), e só por ella subsiste.

Antes da encarnação tudo é dirigido admiravelmente de molde e de feição a preparar o homem á recepção do *Justo*; os patriarchas surgem do seio das tribus ainda nómadas, para figural-o, e depois somem-se; os prophetas soltam gritos prenunciadores, que se repercutem pelas gerações a dentro, e se respondem com uma significação uniforme, e depois desaparecem; os povos chegam, caminham, elevam-se e baqueiam, ou estacionam na sua grandeza magestosa, para lhe apparellhar o terreno e a consummação da sua obra.

Realizada a encarnação, a missão visível das nações e dos estados é desenvolver, mesmo apesar seu, no curso das idades, as riquezas de verdade e de graça que o Christo veio trazer ao mundo.

A Judeia é varrida do numero das nações; o povo hebreu perde a sua autonomia, e começa a eterna peregrinação legendaria de Ashavero. A antiga Aleycone é invadida e subjugada pela idéa christã, e curva o joelho ao *Stulto* de que ella antes zombára; Roma; depois de ter apeado o labaro dominador dos Cesares, até das pedras da calçada levanta templos ao Redemptor-Deus, e rojando aos pés do pescador o *diadeon* dos Neros e dos domicianos, lhe colloca sobre a fronte a tiara *triregna* dos pontifices.

A invasão dos barbaros do norte, inconsciavelmente gravida de regeneração christã, derriba a estatua de Nabuchodonosor, o derradeiro imperio da Roma senhora; e a mão de Deus lavra pelo ferro das legiões de Attila, e de Gense-

rico, a carta da emancipação definitiva da Europa

A Europa christianizada abraça-se com a cruz, e com o codigo evangelico; e não podendo represar em si mesma o fermento da humanidade nova, vae semeal-a pelos quatro angulos do globo.

Se as ensanchas de uma folha nol-o permittissem, iriamos desfiando pacientemente todas as illações do nosso thema. e cada pagina da historia nos revelaria a lei providencial que preside invariavelmente ás suas multiplas evoluções: o mundo gravitando para Deus sob o influxo d'uma força invisível, mas realissima—o seu Christo.

Jesus Christo é portanto a pedramestra da abobada social, a chave do enigma de todas as peripecias, e transformações dos estados, o sentido intimo da grande marcha humana; o ponto de partida, o desenlace, o centro e o ponto culminante da historia.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO LITTERARIA

Rapidos traços sobre o caracter da litteratura e da pintura em Hespanha

II

D'entre os poetas mysticos da Hespanha é Santa Thereza de Jesus o que mais alto vibrou a corda do amor divino.

A virgem d'Avila é como que a synthese de todo o sentimento religioso que a jorros circula nas veias d'este povo eminentemente catholico. As suas poesias tem um caracter tão original, são tão repassadas do fogo da paixão em que estua, que, cada pensamento, cada phrase, é semelhante á lava do vulcão que tudo incendeia na sua passagem. O homem ao lê-as sente o espirito afoguar-se-lhe, ardendo em santos desejos d'um amor celeste.

O coração d'esta mariposa das eternas delicias, era uma pyra intensissima em que se abrazava o seu genio. Toda ella era amor.

Não encontra tintas na sua palheta que melhor pintem Satanaz, o eterno reprobado, do que estas: «*Desgraçado que não sabe amar!*»

Dizei-me se ha motivos d'amor mais puros, mais santos, mais desinteressados, do que os motivos que a austera fundadora das Carmelitas descalças apresenta no seu bellissimo soneto a Christo Crucificado, por muito tempo attribuido a S. Francisco Xavier:

No me mueve, mi Dios, para quererte
El cielo que me tienes prometido,

Ni me mueve el infierno tan temido
Para dejar por eso de offenderte.

Tu me mueves, mi Dios, mueveme el verte
Clavado en esa cruz y escarnecido;
Mueveme ver tu cuerpo tan herido;
Mueveme las angustias de tu muerte.

Mueveme, enfin, tu amor de tal manera,
Que aunque no hubiera cielo, yo te amara,
Y, aunque no hubiera infierno, te temiera.

No me tienes que dar porque te quiera,
Porque, si cuanto espero no esperara,
Lo mismo que te quiero te quisiera.

Fazer sua a vontade de Deus, identificar-se com ella, ou soffrer ou morrer. soffrer e não morrer para mais soffrer por Christo, morrer por não poder morrer a fim de mais estreitamente se abraçar com o seu amado no céu; eis o turbilhão de affectos e sentimentos que redemoinhavam no coração vulcanico d'esta virgem amorosissima.

Para vos dar uma ideia, por pallida que fosse, do arrebatador e sublime de suas poesias; o calor, fogo e paixão, que transpiram; os desejos, anhelos e aspirações que exprimem; seria necessario que eu, em vez da penna, me servisse do estyete celestial com que um anjo lhe feriu o coração e o inflamou dos mais santos e ardentes amores divinos.

Algumas estrophes da pathetica glosa do mote «Morro porque não morro», fallam mais eloquentemente que todas as apreciações e encomios:

Mote

Vivo sin vivir en mí,
Y tan alta vida espero
Que muero por que no muero! (1)

Glosa

A questa divina union
De l'Amor corre que yo vivo
Haze a Dios ser mi cantive
Y libre mi corazón;
Mas causa em mí tal pasión
Ver a Dios mi prisionero
Que muero por que no muero!

Ay que larga es esta vida!
Que dueros estos destierros,
Este carcel y estos hierros
En que el alma esta metida
Solo esperar la salida
Me causa un dolor tan fiero,
Que muero por que no muero!

Vida, que puedo yo darle
A mi Dios que vive en mí
Sino es perderte a tí?
Para mejor a él gozarle
Quiero muriendo alcanzarlo:
Pnez a él solo és el que quiero,
Que muero por que no muero!

(1) O thema ou mote d'esta glosa julgo ter sido inspirado a Santa Thereza pelo seguinte periodo das confissões de Santo Agostinho, l. I. o. V:

Noli abscondere á me faciem tuam; moriar ne moriar ut eam videam.

O que mais me firma n'esta ideia é o ter-lhe sido muito familiar este preciosissimo livro.

A litteratura e a pintura são duas irmãs gêmeas, que em Hespanha cresceram ao sopro da mesma inspiração, a religião catholica.

No seculo XIII, quando a lingua e a litteratura sahiam do berço, o primeiro poeta de nome conhecido é um clérigo secular, Gonçalo Berceo, alma candida que apenas se occupou de assumptos puramente religiosos.

Assim o pintor Berruguete, um dos primeiros que tirou a arte das faxas infantis, foi o christianismo que lhe inspirou os seus melhores quadros, como «Uma passagem da vida de S. Domingos de Gusman», «Predica de S. Pedro martyr», «Milagres de S. Thomaz» e «Apparição da Virgem a uma communiidade de frades».

O filho de S. Fernando Affonso, o sabio, auctor do mais bello monumento legislativo da idade media «(O codigo de las siete partidas», compunha canticos á Virgem, e Gallegos, como um precursor dos grandes pintores que haviam de illustrar a Hespanha, a sua melhor obra é uma série de quadros da vida de S. João Baptista.

Juan de Joanes, o pintor que recebia os sacramentos antes de pegar nos pinceis, deixou-nos em seis quadros, como seis cantos de um poema, a vida d'essa alma inspirada que confundia os doutores da synagoga, S. Estevão; e o infante D. João Manoel, no seu conde de Lucanor, Lopes d' Ayala, no Reinado de Palacio e o marquez de Santilhana, no Centiloquio, legaram-nos excellentes composições impregnadas de salutare lições de moral.

As odas religiosas de Bartholomeu Argensula e de Fr. Luiz de Leão são fructos do mesmo sentimento que inspirou a Ribalta os quatro Evangelistas e um «S. Francisco de Assis», a quem um anjo transporta e arrebatava desferindo as cordas da cithara celeste.

Ercilla termina o seu poema, a Araucana, annunciando o projecto de consagrar o resto da vida á devoção e penitencia, e ninguem melhor do que Zurbaran exprimiu os rigores da vida ascetica e austeridades do claustro; ninguem melhor do que elle soube com mais finos traços pintar, como diz Viardot, sob o cingulo de esparto e a cogula de burel, os corpos magros e os rostos pallidos d'estes piedosos cenobitas, votados á oração e maceração, que, segundo a bella expressão de Buffon, quando para elles é chegada a ultima hora «não acabam de viver, mas acabam de morrer».

Uma das maiores ufarias da litteratura hespanhola é sem duvida o seu theatro.

E' na poesia dramatica que bem se manifesta a pujança do genio e a origi-

nalidade que é característica d'esto povo.

Nascida á sombra dos altares, teve como primeiro representante senão como seu fundador, o presbitero Ensina e na idade aurea foram ainda sacerdotes, que elevaram este genero de composições ao mais alto grau de esplendor.

Os nomes de Lope de Vega e Calderon de la Barca são dous astros de primeira grandeza que lucilam no céu da litteratura como os nomes de Velasquez e Murillo no céu da pintura.

Lope de Vega, discipulo dos jesuitas e mais tarde membro do sacerdocio, é o dramaturgo mais fecundo que se conhece; o que evidentemente prova que os sabios filhos da companhia de Jesus em vez de torturarem e atrophiam o genio, como a imprensa impia propala, pelo contrario lhe dá azas para voar.

Entre a infinidade de produções do poeta que foi o idolo da Hespanha e principalmente dos madrilenos, depois que compoz o poema panegirico de S. Isidoro, sobresaem os seus «Autos sacramentales». (1)

E' n'elles que melhor se revela o fundo catholico que o inspirado poeta conservou no meio dos desvarios da sua mocidade.

«No seu idealismo havia concebido um mundo de magicas illusões, diz Cayetano Rosell, todas desvanecidas ante a realidade da vida humana.

As flores que julgava perpetuas murcharam-se ao contacto ou frio alento do tedio, companheiro inseparavel dos prazeres.

Abria então seus olhos á verdade, seus ouvidos á virtude, sua mente á inspiração, e o real se idealisava de novo na região da sua fantasia, que, repleta de imagens celestias, ascendia ao throno de Deus e possuido de fervores mysticos, exclamava:

¡Ay de mí, que sin razon
Pasé la flor de mis años
En medio de los engaños
De aquella loca afición!
¡Que de locos desatinos
Por mis sentidos pasaron,
Mientras que no me miraron,
Sol, vuestros ojos divinos!

Yo os amo, Dios soberano,
No como vos merecéis
Pero cuanto Vos sabeis
Que cabe en sentido humano.

(1) Auto foi em sua origem, e ainda hoje é, um termo forense, derivado do latim *actus*. Applicou-se tambem a certas composições dramaticas religiosas, que se chamaram —autos sacramentales— ou —autos de Corpus Christi— porque se consideraram como actos solemnnes da religião.

(Cobarrubias—Tesoro de la Lingo Castell.)

Toda el alma de Vós llena
Me saca de mí, Señor
Dejadme llorar de amor,
Como otras veces de pena.

Dulcísima vida mia,
En quien lo immortal está,
Por quien vivo, y por quien ya
Morir mil veces queria:

Quando en esa cruz os miro,
Puesto que tantas se os ven,
No teneis llaga, mi bien,
Que no me cueste un suspiro.

Queda el sentimiento en calma
Del consuelo que procuro,
Por que pienso que las curo
Con el aliento del alma.

Outro discipulo dos jesuitas é Calderon, homem d'um character austero, que em todas as suas composições, a mais perfeita personificação do theatro hespanhol, nos deixa revêr o seu espirito altamente catholico.

Murillo é o novo Prometheu da pintura, que roubou o fogo sagrado ao ceu com que animou e encarnou o espirito christão nos seus quadros religiosos.

Os seus pinceis são como varas magicas que nos arrebatam a esse idealismo que entreabre do espirito um mundo de divinaes enlevos.

Se algumas vezes se não dedignou tratar assumptos da *vida picaresca*, suggeridos talvez pelas novellas então muito em voga, como o Lazarille de Tormes, Guzman d'Alfarache e Marcos de Obregon, é porque a aguia, vivendo ordinariamente em ethereas regiões tambem desce lá das alturas para roçar pela terra.

Velasquez é o pintor palaciano por excellencia, o retratista inimitavel da corte, e por isso mais alheio á inspiração christã, sem que por isso deixasse de ser catholico: podendo dizer-se que Murillo é o pintor do ceu e Velasquez o pintor da terra.

Quem entrou, porém, no muzeu do Prado que não sentisse o coração tranzir-se de dor e a alma chorar lagrimas de sangue ao contemplar a sua obra talvez sem rival «Nuestro Señor Crucificado»? Que outro pintor levou as lampas a Velasquez dando á morte do Justo uma tristeza mais profunda e uma magestade mais solemne.

Parece-me, pois, poder afirmar com Luciano Cordeiro que a arte hespanhola é a interprete mais fiel, mais completa e mais profundamente acentuada do catholicismo, por isso mesmo que é a mais isolada e independente de outras tradições que não sejam as que lhe vem da doutrina catholica, — mais espontanea, se pôde assim dizer-se na educação esthetica, — mais popular, mais sincera, mais crente na elaboração conceptiva.

«Ella não tem uma tradição classica, viva, perenne, opulenta, como a arte italiana a bafeja-a na infancia e a moldar-lhe na plastica luminosa da velha Grecia os ideaes ambiciosos da adolescencia.

Ella não talhou as suas concepções nos marmores pagãos nem bebeu na antiguidade hellenica o nectar do idialismo sensual da Fornia.

Fez cathedraes cheias de sombras e grandezas, e Christos cheios de dôr, e Virgens cheias de graça celestial, e martyres rodeados de horrores, e monges vergados ao pezo de uma compunção immensa, e reis que tem a magestade da delegação divina e são menos reis do que Campeões da Fê.

Juan de Joanes punha-se de joelhos e orava quando pogava nos pinceis; Luiz Vargas macerava o corpo; Fr. Juan d'Ayala escrevia as regras do pintor christão; Cespedes era conego de Cordova; Roelas era conego de Olivares; Alonso Cano era conego de Granada; Vicencio Carduchocitava exemplos de pintores punidos além tumulo por terem feito figuras lascivas e estabelecia que a pintura era um meio de propagar a Fê; Murillo convertia Manara, um D. Juan de tempo e requeria humildemente a admissão na «Santa Caridade» de Sevilla;—Velasquez, mais fidalgo, mas igualmente catholico, pedia o habito de S. Thiago pela devoção que tinha a este santo;—Pacheco era eucarregado pela inquisição de velar pelo decoro das pinturas.»

O que Luciano Cordeiro afirma, da Arte hespanhola pôde igualmente applicar-se á litteratura, e uma e outra se não foram completamente alheias, nem mesmo hostis á influencia da escola classica, nem por isso perderam o caracter essencialmente catholico e original que as distingue.

PADRE F. SARCHES.

Liberdade, Igualdade, Fraternidade

Ha muito que pugnam entre si duas dictaduras buscando a resolução de um grande problema social: hontem e hoje; a ditadura de cima para baixo, e a ditadura de baixo para cima.

Uma soberana pela sua origem tradicional, outra despotica pelo orgulho das suas nefarias victorias.

Uma é a historia com seus codigos de ouro; outra é 1793 com sua bandeira de fogo.

Uma tem 86 annos de prescripção; outra 86 annos de sangue.

Uma é o passado que edificou; outra é o seculo que derriba.

Uma inspira-se em Deus, e espera; outra inspira-se em si proprio, e arremette.

E ambas teem nos seus estandartes—*liberdade, igualdade fraternidade!*

Christo e Cagliostro!

Liberdade do Evangelho, e liberdade da revolução.

Igualdade na crença que allia os homens pelo amor; igualdade nas ambições, que os extrema pelos odios.

Fraternidade entre os filhos da fê, que miram a luz do infinito; fraternidade entre os filhos das terras, que o acaso encaminha ao vago ignoto.

Eil-as uma ante a outra essas trindades attrahentes. Escolhei.

As velhas instituições assentaram os seus alicerces nas grandes verdades da philosophia social, e arvoraram sobre os thronos e entre os povos, a Cruz, como emblema da civilisação, que encaminhou e fortificou as nações no caminho dos grandes emprehendimentos.

Desoito seculos de triumphos pela humanidade registra a historia em seus padroes gloriosos.

A revolução lançou os seus fundamentos no espirito irrequieto de Voltaire, nutrio-se nos dietorios de Mirabeau: gerou-se na poesia, nos idealismos vãos, nasceu na devassidão e na orgia.

Oitenta e seis annos tem ella de odios e de ciumes, de violencias e vilipendios.

Escolhei.

Voltaire carecia arrastar após si o coração immaculado das multidões. Encaminhava-as para uma epocha de materialismos, mas não trepidou acordando o sentimentalismo das massas. Quiz substituir as pristinas instituições, quiz cambiar a auctoridade pela razão, a verdade pela imaginação, a fê pelo livre pensamento, mas não encontrou no vocabulario das anarchias um motte seductor. Deparou-se-lhe na religião do Crucificado, usurpou-lh'o, controverteu-o e seguiu ávant', orgulhoso, firme, e a seu modo feliz.

E' que n'aquelle motte havia o mysterioso encanto que lhe imprimira a divina doutrina do Redemptor da humanidade, essa voz que dominou os povos de um a outro confim da terra.

Vio que o Evangelho é codigo dos codigos, mas não meditou, ou não quiz ver, que sobre as suas ruinas só pôde existir um cahos social.

Liberdade, igualdade e fraternidade que se chamam *ordem*, não podem ser pois o trio de Voltaire, que se chama *revolução*.

Não ha fogo que funda, nem retorta que comporte esses elementos que se repellem.

Penetrou este lemma no coração do povo para o arrojarem ao abysmo. Precipitado elle, existe esse mote como uma

inscripção inerte, sem significação, sem prestigio e sem culto, sobre a louza do passado, do mesmo modo que uma lagaa de marmore, solitaria e triste, guarda a ossada de um ente que foi.

Escolhei.

Ahi tendes em confronto os dois gigantes que luctam. Um d'elles tem de baquear, embora na sua queda haja de estremecer o mundo.

Qual dos dois?

O solio dos reis não tem já os esplendores d'outr'ora. São morticas as luzes dos regios sarãos, é triste o aspecto dos seus banquetes, é monotono o movimento das suas danças, é sinistra e fria a harmonia dos seus hymnos; mas o tugurio do peão tambem não tem o remanso que já teve. Já alli não ha os mundos encantados d'amor, rarearam os sacrarios da honra que o seio das mães resguardava puros e immensos; já os vendavaes lhe varreram da portada os suaves e innocentes aromas do tomilho e do alecrim, da alfazema e das rozas, que o fumo da polvora e do petroleo substituiu.

O templo já se não orna de pompas alfaias, o altar tem menos lumes, as naves menos crentes, o campauario menos bronzes: mas tambem quando ao cair da tarde o burguez laborioso desce a encosta do monte, e passa diante da ermida da sua aldeia, já não sente um santo instinto descobrir-lhe a cabeça humida de suor, nem os arcanos d'alma se lhe abrem ao som mysteriosamente afinado das *Ave-Marias*. E' que n'aquella alma entrou o seculo, apagando essa poesia sublime, que prendia o homem a Deus, e lhe trazia á consciencia inteira paz. E' que n'aquelle espirito, que a evolução revolucionaria educou, já não existem as crenças que o vivificavam nas suas profundas relações com as infinitas verdades; pois que a consciencia poluida pelo verbo das vinganças, das ambições, do egoismo, e dos rancores, não pôde dar á humanidade a consagração de uma verdade philosophica, que lhe deve pelo grande movimento das ideias, nem recordar que Jesus, deixando cahir sobre o peito a fronte inanimada, espedaçou o velho mundo á voz da humildade e do perdão.

A revolução foi como uma columna de miasmas, que correndo de povo em povo, foi deixando em seu caminho devastações e morte. Teve na França o coração; a alma entregou-a ás gerações que educou.

Um relampago de esperança cobrio a França no dorso de uma vaga de fogo. Os desenganos mostram á Europa o abysmo, que se abre como uma cratera de incommensuraveis profundidades.

Esses desenganos são um iris que desponta no firmamento, como o dedo de Deus nos festins de Balthazar, e o

mundo, que vio os progressos humanos irradiado da Europa como de um astro que o allumiou, lê uma pagina eloquente n'essa decadencia rapida das nações, que a revolução conseguiu avasalar.

E confia pela dignidade humana, como a França confia pela honra da sua historia, porque a patria de Voltaire foi tambem a de S. Luiz, e o povo que responde aos brados de Victor Hugo e de Gambetta é o mesmo que se enthusiasma á voz de Lacordaire.

Apoz a expiação, ha de salvar-se.

A França tem por espelho a revolução. Contempla-se a si propria e medita.

Pergunta: que fizeste de meus filhos? Onde está o teu credo?

Nascente esperanza, tens vivido apostasia!

Plantaste a tua liberdade com o camartello com que derribaste a cruz dos sanctuarios, e escreveste com a ponta do punhal na face brilhante dos monumentos o letreiro tremendo das tuas tyrnias.

Segredaste a tua igualdade no lar inculpavel do operario, e levaste-a como vibora traiçoeira até ás machinações palacianas, para arrastares Maria Antonietta, como um symbolo partido, do terraço de Versailles ao theatro do Trianon, e pela mão de Baumarchais, e ao som dos silvos da canallia, até ao patibulo da realza.

No labaro da tua fraternidade insculpiste a trolha do duque de Chartes. Alçou-o Voltaire por entre as massas, quando tingias de sangue os mosteiros e as praças, os templos e as masmorras.

Onde existe a luz do teu seculo?

Nos incendios dos meus campos, e dos meus castellos?

Onde o teu labor?

Na decadencia da moral, no desleixo da familia, no vicio desenfreado, na liquidiação social em perspectiva?

Que nova sciencia deu ao mundo o teu seculo de luzes?

Revelaste os segredos da chimica a Lavoisier? as mathematicas a Laplace, a Monge e Lagrange? a Bailly e Lalande a astronomia? a Vicq d'Azir a anatomia? a Jussieu a botanica? Que fizeste pois para as conquistas de hoje, se tudo isto eu já tinha, se tudo isto é o progresso do seculo e a gloria do passado, que os teus philosophos pretendem usurpar aos que lh'o legaram com a honra das suas tradições seculares?

Oh! sim, a França medita e espera!

Com ella falla a historia e a historia é pharol immorredouro. Quando o seu clarão em todo o vigor illuminar os pontos denegridos pelas maculas da revolução, ha de ella sumir-se como um spectro pelas fisgas de um sepulchro; e então ouvir-se-ha entre as ruinas disper-

sas de uma era medonha, o gemido de agonía da féra que expira.

Ha de ser assim, porque embora se faça calar o grito de uma sociedade quasi naufragada em Oceano immenso de preconceitos e de crimes, ninguem impedirá que lhe bata o coração, por que a sua vida moral prende-se por um elo eterno ao seio de Deus.

Não vale á revolução cuspir affrontas sobre os membros dispersos do passado que dilacerou. E' o leão que de olhos injectados contempla o sangue derramado, sacode a juba e ruje. Vê sob os pés uma sociedade que se roja, e tem sobre a cabeça a corôa das victorias. Mas essa sociedade, como que esmagada, junca-lhe o caminho de maldições, e essa corôa não tem brilho, porque lh'a collocou na frente um genio surgido das trevas. Cinge-lhe o craneo ardente, aperta-lh'o qual anel de ferro que cada vez mais se estreita, e que o comprimirá de morte.

A revolução conta um triumpho em cada edificio abatido, mas o futuro tem um soldado em cada espirito christão.

Da liberdade revolucionaria ficarão os destroços, e a *sã liberdade*, a *verdadeira igualdade*, a *santa fraternidade*, virão sobre as azas de um anjo, coroadas de estrellas.

E uma nova era se edificará em bases de ordem, que são o mais seguro esteio das sociedades que progredem e se illustram.

A liberdade que se firma no imperio absoluto das leis sabias e previdentes, a que odeia tanto a licença quanto o despotismo da demagogia ou dos thronos: a liberdade, que é a justiça, e não a ira das paixões, a que é a espada de Themis e não a garra do tigre.

A igualdade que une os homens pela fé, a que os nivella pela lei, a que mantem cada qual no lugar que lhe pertence, pois que ella foi dada ao homem pela mão do Creador, quando lhe apontou as varedas da vida social, do mesmo modo que designou aos astros o seu curso, e ás flores concedeu a fragrancia e a belleza, a que os equipara nos direitos e deveres relativos, a que os irmana perante Deus. Outra qualquer é um sonho.

A fraternidade, que se prende aos braços da Cruz, a que se chama *amor*, e perdoa, a que se chama *humildade*, e é a paz, a que se chama *caridade*, e dá a mão á miseria, e ergue os desvalidos, e se abriga no regaço do Senhor.

Este foi o lemma das velhas instituições, fundadas pelo livre suffragio dos povos, e mantidas sob a influencia salutar do Christianismo e da Igreja. Separadas as sociedades d'essa influencia, ou terão de admittir um philosophismo politico, cuja prática será uma contradicção

absurda, ou cahirão em um abysmo, do qual não poderão resurgir; porque as instituições sociaes não podem ser o resultado de um calculo, ou uma fórma simplesmente convencional; carecem ser uma tradição, um sentimento, uma verdade profundamente ligada ás ideias moraes e religiosas, e applicada a uma organização inteiramente harmonica.

O contrario, se não é um vago ideal, é um facto monstruoso.

BERNARDINO J. DE SENNA FREITAS.

COIMBRAS! COIMBRAS!

Conta-se que vae apparecer um novo periodico *macaqueiro* em Coimbra, redigido pelo sr. dr. Barata e por outros sectarios da *idéa nova*. E' a continuação provavelmente do celeberrimo *Seculo*—do *Seculo* d'eternas luminarias—que punha o seu *deus* encarapitado na *ponta d'um triangulo*, tendo espetadas a *materia* e o *espaço nas outras duas*! A *Civilização Catholica* e a *Ordem* pouco terão que fazer para refutar o *visinho academico-simiano*. Quanto a nós, quem dera que elle por cá apparecesse! Com ambas as mãos acceptariamos a troca.

De uma carta do Funchal (Ilha da Madeira), recebida ha poucos dias por um nosso amigo, extractamos o seguinte trecho:

«Aqui a noticia mais fresquinha é a de uns insultos de palavras torpes e de gestos ameaçadores dirigidos por tres *pimpões* (dous dos quaes armados de espingardas de caça) a um respeitavel sacerdote francez, capellão de uma familia d'evéras catholica, á qual esta cidade deve muito pelas obras de piedade e de caridade que essa familia pratica.

«Foi o caso: em um dos extremos da cidade, quando o sacerdote vinha para assistir á benção do Santissimo no hospicio da princeza *D. Maria Amelia*, chamaram-lhe hypocrita, jezuíta disfarçado, patife, cão, etc. Proferiram blasphemias contra Nossa Senhora e torpezas que o padre não ousa referir. Queixando-se d'isto o consul francez, d'ahi resultou serem os taes meninos chamados á policia, onde declararam que nada disseram ao padre, mas *sim a um cão que o acompanhava*. Como se descobrem! Nem ao menos tiveram a coragem da *mã creação*.

E' sabido que taes *meninos* como estes, imbuidos no *livre-pensamento* pela senhora sua mãe a maçonaria, só são valentes deante de padres, e quiçá diante de mulheres dedicadas por sua piedade religiosa á pratica da caridade (viu-se em Lisboa haverá 16 annos, e por desgraça ainda se vê de tempos a

tempos n'este Portugal *amodernado*). Diante de quem lhes possa e queira applicar a correccão que merecem... é *outra coisa*.

Agora uma pergunta:—Se os catholicos pagassem na mesma moeda aos snrs. *livres-pensadores*, protestantes e franco-macões, insultando-os pelas ruas, etc., o que não se diria?!

Faz-nos lembrar o seguinte, que lêmos ha tempos no prologo ao *Apostata Confundido* (pelo sr. J. M. de Moura Monteiro.—Lisboa, 1876):

«Ir-nos-hemos aproximando ao tempo, ou antes a circumstancias similhantes áquellas em que se encontrou a França quando a cõrte protegia os hugonotes? Então «ladrar a um protestante» merecia muitos golpes e bengaladas: «morder n'um padre», applausos. O «Pasquino» pariziense, na figura de um cão todo derreado, dizia:

Pour aboyer un huguenot,
On m'a mis en ce pitieux être:
L'autre jour je mordis un Pretre
Et persone ne m'en dit mot..

Havíamos deposto a pena, querendo ficar por aqui, quando logo em seguida ao que acabamos de transcrever, dêmos com os olhos nas seguintes palavras, que talvez não sejam de todo inoportunas:

«Parece que ainda se não chegou a tal ponto: mas quem ousará dizer que para lá não caminhamos a passos de gigante? Lembrem-se, porém, todos aquelles a quem cumpre, lembrem-se de que a *Orthezeida* e a *Saint-Miguelaida* (horribéis matanças) contra os catholicos, seguiu-se de perto a *Saint-Bartholomeida* contra os protestantes.

«E' moda, bem o sabemos, fallar só da ultima, e relativamente ás primeiras fazer a *conspiração do silencio*. Mas isso que importa, se a historia *faz fé* e se contra factos não ha argumentos? O fanatismo chama pelo fanatismo. E' e será sempre verdade;—se por fortuna ou por desgraça, não podemos dizel-o.»

Meditemos!.. nós, vós, elles!..

E' bom que todos meditem.

Um jornalet (minhoto para nossa vergonha), ahí das partes de Caldellas (diz elle), mas impresso no Porto, trouxe ha tempos uma gorda calunnia, impressa n'aquelle magro corpinho de meio palmo quadrado, pouco mais ou menos, contra os padres e frades de Roma (d'onde aliás os ditos frades expoliados pela gente liberal do alheio foram obrigados a fazer *vispere* ha boa meia duzia de annos), lastimando hypocriticamente que por sua culpa (d'elles padres e frades...) os nascimentos illegitimos estejam na proporção de 33 por 100!!..

Com effeito é horrível; e se a estatística fosse verdadeira, seria Roma, n'es-

te ponto, a cidade mais desmoralizada do mundo. Mas querem os leitores saber como tudo se explica? Os taes filhos «illegitimos» são os legitimos, e os «legitimos» são os provenientes de casamentos meramente civis, isto é, os que, catholicamente fallando, se devem considerar como illegitimos. De maneira que o caso deve-se tomar *vice-versa* e o *feitico volta-se contra o feiticeiro!*

Provas na mão. — Lê-se na «Italie» de 12 de dezembro de 1878, citada pela «Unitá Catth.» de 3 de janeiro do corrente anno: «E' necessario notar que estas cifras se *referem* só aos matrimonios celebrados perante o *official do estado civil*. Ora é sabido que um grande numero de matrimonios são celebrados quotidianamente, *não segundo as prescripções legais*, mas só na fórma religiosa:—*Bisogna notare che... ma sotto nella forma religiosa.*»

E mais adiante: «Em 1877 setenta e cinco por cento das creanças illegitimas (isto é legitimas) foram reconhecidas por seus paes, e quasi todas tinham nascido de MATRIMONIOS PURAMENTE RELIGIOSOS:—*e quasi tutti eram nati da matrimoni puramente religiosi.*

Se o querem mais claro, deitem-lhe agua!..

Quem levantou a *innocente galga* foi um reptil, correspondente do «Echo do Parlamento», verdadeiro echo do *culturkampf* do sr. Bismark.

E *vae ao depois*, o papelucho de Caldellas, macaqueando outros papeluchos e papelorios, *assoba que é padre!*

E' celebre! Quasi todos os jornaes estrangeiros do liberalismo mais ou menos *moderado, progressista e radical* (exceptuando apenas os orgãos do socialismo), tecem grandes elogios á ultima Encyclica do Santo Padre Leão XIII—*Quod Apostolici muneris*—datada de 28 de dezembro de 1878.

E todavia essa Encyclica, dirigida principalmente contra o socialismo, fere de modo terrível o liberalismo—todo o liberalismo—sem deixar de parte sequer o mais *moderado*.

E senão, vejamos o que diz a Encyclica nos tres pontos em que se pode dividir—sobre a *Egreja e o Estado*—*reis e povos*—*sociedade e familia*:

1.º EGREJA E ESTADO

Proclama a Encyclica:

A liberdade da Egreja Catholica.

Que a Egreja deve viver em condições que possa desenvolver seus beneficos influxos.

Que a Egreja deve ser a mestra dos governos e dos povos, por que é o fundamento da verdade.

Que deve existir alliança entre a Egreja e o Estado.

Que a auctoridade do humano Pontifice é inconcussa.

Que Jesus Christo não deve ser expulso das escholas.

REIS E POVOS

Que a auctoridade publica vem de Deus e não das multidões.

Que o *Direito-novo* é uma loucura.

Que os «principios de 89» são enganadores.

Que os réis são responsaveis perante o Juiz Supremo.

Que a revolução é sempre illicita.

Que ha obrigação de obedecer ás leis justas.

Que tratando-se de leis injustas, se deve obedecer primeiro a Deus do que aos homens.

SOCIEDADE E FAMILIA

Que o matrimonio entre christãos é Sacramento.

Que o divorcio é condemnado pelo direito natural.

Que é inviolavel *para todos* o direito de propriedade e de dominio.

Que o furto e a rapina são prohibidos.

Que não é licito desejar as cousas alheias.

Por ultimo: Abaixo os ladrões! Anathema ás sociedades secretas!..

Haverá um só d'estes pontos em que o liberalismo não tenha peccado e não esteja peccando?!

E todavia, repetimos, a Encyclica é por toda a parte elogiada!.. E' tal a força da verdade!..

Muito bem! Congratulamo-nos.

Em confirmação do que acabamos de dizer, vem admiravelmente o seguinte de um periodico hespanhol «El Fenix»:

«O *Imparcial* elogia a Carta Encyclica de Sua Santidade. Se a nós outros nos fóra licito discutil-a, parecer-nos-ia admiravel apesar dos elogios do diario radical.

Diz o *Imparcial*, entre muitas outras cousas inconcebiveis, que bastaria o novo documento para illustrar o nome de Leão XIII, e fortificar as nobres esperanças dos que anhelam vêr um termo «aos conflictos provocados pela intransigencia *ultramontana*, e pelos interesses bastardos que se escondem sob a capa de um fanatismo convencional.»

Que ha aqui alguém que se esconde sob uma capa, parece-nos fóra de duvida.

Cite-nos por caridade o diario radical um só texto sequer, em que o Padre Santo condemne ou censure, ou pelo menos alluda a isso que elle chama a «intransigencia *ultramontana*,» e dar-lhe-hemos razão. Nós, em troca, com-

promettemos-nos a dar-lhe algumas columnas, que vão directas contra elle e contra a sua escola. ¿Que dizemos, algumas columnas? Não ha um unico paragrapho no documento da Santa Sê, que não os colha de cima a baixo.

Com que, o *Imparcial* acha admiravel a Encyclica de Sua Santidade!

Pois nós tambem.

Parece-nos que a pessoa encarregada d'esta secção na redacção do nosso collega, tomou a nuvem por Venus.

Ecolheu má occasião para pôr a mascara.»

.....
Escripto no dia 23 de janeiro o que ali fica, recebemos no dia 24 o correio estrangeiro e notamos com mediana admiração que os principaes orgãos do liberalismo já mudaram de parecer!.. Ah!..

Estes liberações são engraçados!— Quando chega a noticia de Nobiling ter querido assassinar o imperador da Alemanha, disseram logo com intenção *non santa*:— Nobiling lia muito a «*Germania*», jornal *ultramontano*. isto é catholico. Quando Passavanti attentou contra Humberto, disseram que: «*atrás da blusa estava a roupeta*» que, pelo principio *fecit cui prodest*, o crime se devia attribuir aos *ultramontanos*. Agora tambem dizem que foram os catholicos (sempre «*ultramontanos*» na bocca dos ditos) que envenenaram o venerando Bispo de Quito,—o amigo intimo dos jezuitas e do heroico presidente Moreno, assassinado pelos franc-maçoes, segundo a propria confissão d'estes, como ha poucos e mostrou na «*Esperança*», etc., citando um jornal maçonico de Quito.

E' até onde pode chegar o cynismo na confissão sem arrependimento, e a hypocrisia na infamissima accusação infundada.

Os tres homens da *trolha* são useiros e veseiros a *fazerem mal e a caramunha*.

No *incolor* de Lisboa, no *innocente* «*Diario de Noticias*», é onde temos lido as *noticias* antecedentes. Parecem-se muito com a dos «*jesuitas que se mataram uns aos outros n'um collegio de la Plata*» —calumnia estúpida que nunca foi desmentida pelos calumniadores, sabendo elles perfeitamente que caluniarão.

Depois admirarem-se quando forem victimas dos seus proprios exemplos — quando os seus *irmãos* mais *arançados* os caluniarão, ou não queiram retirar a calumnia!.. Pois está escripto *Qua mensura mensi fueritis...* e o resto, como devem saber.

Celebre coincidência! No mesmo dia (17 de novembro) em que Passavanti attentava contra a vida de Humberto, um jornal de Roma, o «*Don Pirlone*», fazia

uma apothese *magnifica* do regicidio, tomando para pretexto o fallar de Bruto, a quem chamou «*avô*», homem «*grande*», cheio de «*garbo*» e «*sem cumprimentos*». Transcreverei no original algumas de suas palavras, que todos hão de entender, embora não saibam o italiano, intercalando-lhes apenas alguns parentheses. E' bom archivar.

Bruto é uma scintilla tira ai di nostri (em nossos dias) *di questra verità di azione che dai padri si ridesta* (se desperta) *n'itar di nepoti* (netos). *Edio voglio* (quero) *essere un nepote*, e *voglio andare a nedere il nonno* (avô) *Bruto... Bruto in Roma visse* (viveu) *e fu grande; mi pare ancora vederlo* (ainda me parece vê-lo) *con quegli occhi infocati, con quell'ira nel volto, con quel garbo degli antichi romani gridare: — Smetti* (gritar: — Deixa) *(1) Cesar tiranno, o li ammazzo* (ou te mato.)— *Io non sonno tiranno. — Io l'ammazzo. — E che se avera da fare? O metti o ti ammazzo.*

O que diz a isto a «*Democracia*»? Foi um *acaso* esta coincidência, não é assim? Ou temos a *roupeta* debaixo das casacas dos democraticos redactores do «*Don Pirlone*»?... Diga, diga!

Um facto que muitos ignoram e que tem muita eloquencia! Todos os escriptores que no Piemonte fizeram a apothese do regicida Agesilace Milano, e contra os quaes se fez processo *pro-firma* e quiçá para dar satisfação a exigencias diplomaticas, foram declarados pelos respectivos juris *não culpados*. Assim José del Re, a 16 de julho de 1857; Lucas d'Avanzo, a 24 de dezembro do mesmo anno; Ausonio Franchi, a 28 de janeiro de 1857.

Por estas e outras dizia o deputado Franchi que os jurados «*comem o codigo penal: — i ginrati se lo mangiano.*» E a razão é simples: attendem, dão desconto á *loucura-raciocinante*, á *força irresistivel*, á *paixão involuntaria*, etc., etc.

E' sabido que uma boa parte dos assassinos de ecclesiasticos n'estes ultimos annos, sobre tudo na Italia, tem sido absolvidos... por loucos (deixem passar o equivooco e não despresem os dous sentidos: ambos são verdadeiros). Por louco foi dado em 1873 o assassino de um soldado da guarda pontificia; por louco ainda ha pouco um joven de 16 annos, altamente protegido, que matou um companheiro de collegio. Por louco provavelmente ha-de passar o cosinheiro

(1) «*Deixa ou larga*» o sceptro, o poder. *Don Pirlone* faz vir o seu Bruto atravez do perto de vinte seculos macaquear Gabetto, paraphraseando montadamente o celebre *se soumettre, ou se démettre*, dirigido a MacMahon.

internacionalista, «*neto*» de Bruto, segundo *Don Pirlone*, — o que aliás não será de estorvo para que se «*despache* a milhares o seu retrato, como o de Orsini! E' para que melhor se conheça até onde leva a civilisação moderna, separada de Deus, perseguidora do Papa e da Igreja», no dizer da «*Unitá Cattolica*» de 12 de dezembro de 1878.

Por hoje basta.

UM VIMABANENSE.

A travez do jornalismo

(Conclusão)

«Mas o que nos pareceu vêr na ultima encyclica foi uns toques severos d'um pontifice da idade media. Leão XIII como que quer revestir o character de Hildebrando, e cremos nós, Sua Santidade é de tempera severissima e de molde a poder ter sob o seu alto dominio todos os potentados da terra.»

Quando Pio IX, de santa memoria, publicou a Encyclica *Quanta cura* e o *Syllabus*, apregou-se a todos os ventos que elle queria resuscitar a idade média, e abafar o espirito moderno. Agora a *Soberania do Povo* faz a mesma accusação a Leão XIII. E porquê? Porque Leão XIII, na sua encyclica, ensina a verdadeira doutrina acerca da Igreja e do Estado, dos reis e dos povos, da sociedade e da familia, porque condemna os erros que destroem a harmonia social; porque estabelece a auctoridade suprema da Igreja; porque sanciona os principios eternos da justiça.

Que é isto de *idade média* com que nos mettem medo os revolucionarios? Os principios religiosos d'essa epocha serão acaso abusos, erros e absurdos?

Desenganem-se: a verdade é só uma. Bem mostra a folha de Agueda que nada entendo de catholicismo. Hildebrando foi o Hercules christão do seculo XI, que com o gladio da palavra combateu a tyrannia e o orgulho em prol da liberdade da Igreja e das liberdades dos povos: foi um bemfeitor da humanidade.

Quando vemos os *liberaes*, que se dizem propugnadores das liberdades populares, censurarem os actos de Hildebrando, (S. Gregorio VII), não podemos deixar de exclamar: *Pae, perdoa-lhes, porque não sabem o que dizem!*

O Papa tem, e ha-de ter sempre, sob o seu alto dominio todos os potentados da terra, porque o seu poder estende-se a todos, principes e povos. Uns e outros são filhos de Igreja: do contrario, deixam de ser catholicos.

Mas o que se vê é que a *Soberania do Povo* (então o povo é soberano?) não comprehende a politica christã, nem o que fez Hildebrando, nem a idade média, nem a doutrina da Igreja, nem a encyclica de Leão XIII.

«Ha porém, uma differença ou uma difficuldade, e é que nós vivemos mui proximos ao seculo 20.º e Gregorio VII floresceu no 11.º, e apesar d'isso ainda n'aquella epocha afastada houve o que a historia chama a *querella das investiduras*.»

A difficuldade que oppõe o jornal de Agueda, perante a razão e a verdade, não vale um *caracol*, permitta-se-nos dizer assim: mas escusava de nos dizer que vivemos mui proximo ao seculo XX: faltam ainda vinte e um annos, e d'aqui até lá o mundo dá muitas voltas. No entanto podia dizer que vivemos no seculo XIX, o seculo das luzes, do progresso, da civilisação, como por ali dizem a cada passo.

Sim, senhores, sabemos tudo isso, e sabemos tambem que o seculo XI é chamado o seculo de trevas e de obscurantismo. Comtudo a doutrina da Igreja é sempre a mesma, ou no seculo XI, ou no XIX, ou no XX.

E quem sabe o que a sociedade será no seculo futuro?

Seja, porém, o que for, é certo que, se o mundo então existir (porque ha-de acabar um dia, e ninguem sabe quando) ha-de haver Igreja e Pontifice, e ensinarão o mesmo que hoje ensina Sua Santidade Leão XIII.

Se Gregorio VII (aliás S. Gregorio VII, que antes de ser Pontifice se chamava Hildebrando), no seculo XI, teve que lutar contra o crime e usurpação das *investiduras*, Leão XIII, hoje, combate as usurpações revolucionarias.

A Igreja e o seu chefe tem luctado e hão-de luctar sempre com o espirito do erro, com o genio do mal, sob qualquer fórma que se apresente; mas é certo que tambem ha-de sair victoriosa do combate.

Ha um seculo, pouco mais ou menos, que a impiedade anda entoando á Igreja o *Requiescat in pace*; mas em vão: ella se mostra sempre firme, vigorosa e cheia de vida.

Conclue a *Soberania do Povo*:

«O que nós não podemos deixar de fazer é prestar a homenagem do nosso respeito ao illustre Pontifice, cujas virtudes queremos celebrar, e cujas intenções, tem um elevado cunho de nobreza que se impõe á veneração universal.»

Quer isto dizer: a encyclica de Leão XIII é um documento retrogrado (e reaccionario?), no espirito da idade média; no caracter de Hildebrando, longe das ideias da nossa epocha, desconhecedor do futuro que está á porta, identico aos de Pio IX e dos seus antecessores, mas escripto com azedume e com linguagem mais aspera e mais violenta. Todavia celebramos as virtudes e as intenções nobres de Leão XIII.

Valha-nos isto ao menos. E por fim

pedimos á *Soberania do Povo* e a todos os soberanos do povo que, antes de fallarem da encyclica, estudem a doutrina christã, e depois leam attentamente a encyclica.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Os nossos bispos na camara dos pares

Discurso de S. Exc.ª Rev.ªª o snr. bispo de Bragança e Miranda, na sessão de 4 de fevereiro

Sr. presidente, no começo da sessão annunciarei uma interpeção ao sr. ministro da marinha acerca das missões no ultramar. Não realicei ainda essa interpeção, por s. exc.ª não estar presente ou quando tem estado, achar-se applicado a outras discussões; mas, por um impulso a que não pude resistir, fui forçado agora a pedir a palavra, em consequencia de ter ouvido o eloquente verbo do meu antigo e predilecto amigo, sr. conde de Casal Ribeiro, invocar a urgencia da apresentação dos documentos que se referem á deploravel questão do incidente desgraçado que succedeu na Guiné.

O orgulho, o nobre orgulho que mais pôde ser picado, incita-se em todo o coração portuguez; e quando consideramos n'aquelles logares, que foram testemunhas, e o serão sempre, do heroismo, da bondade, da dedicação, da caridade e da moralidade da nação portugueza (*Vozes:—Muito bem, muito bem.*), logares, onde a bandeira das quinas tremulou antes de nenhuma outra ter tremulado, logares que eram olhados com horror pelos primeiros navegadores de que ha memoria na historia e na geographia, e que as descreviam como terras, que brotavam florestas impenetraveis, habitantes troglodytes, e no mar vasavam rios de fogo que não de agua, despenhados de inacessiveis montanhas, terras propriamente igneas, como as descreveu a inscripção púnica da viagem de Hannon; quando consideramos, repito, n'aquelles logares, n'essas terras, que os portuguezes mostraram não serem terras de fogo material, mas sim theatro onde desenvolveram o fogo do maior heroismo, sinto que o nome portuguez na actualidade auffsesse uma affronta, que todos lamentamos! (*Vozes: Muito bem, muito bem.*)

Bem sei eu que em todos os tempos têm succedido desastros.

Um dos bellos episodios da historia das nossas conquistas bello, digo, porque tambem a narração dos desastros admitta belleza triste em si mas formosa pela celebridade), foi sem duvida aquelle que succedeu nas praias da Aguada do Saldanha, onde pereceu ás frechas dos cafres o primeiro visor-rei da India, D. Francisco de Almeida.

Pois não se deu este facto, que interessou tão vivamente o orgulho e a honra do nome portuguez, para depois, por uma série de heroismos, tirar solemnes desaffrontas?

Prevedo eu que essa desaffronta deve ser tambem agora tomada, que terão de ser empregadas medidas energicas e de rigor; esquecer-me-hoi agora que sou portuguez e offendido tambem, para me lembrar só do caracter sagrado de que estou revestido?

Olho para estos habitos, beijo esta cruz sacrosanta que me pende ao peito; e direi no seio d'esta casa do parlamento portuguez, onde não ha senão verdadeiros catholicos: attendei!

Antes de decretardes o exterminio, o derramamento de sangue, ouvi-me uma palavra: ou venho pedir diante da necessidade do se

applicarem golpes que levam a morte a homens embrutecidos e a innocentes talvez, venho pedir vidas, muitas vidas em nome da moralidade portugueza!

Tenho a propor a vida da alma; venho propor a vida da moralidade; venho propor que Portugal offendido, e procurando desaffrontar-se, não se esqueça, em vista da idéa da vingança, das generosas idéas dos seus antepassados, «as idéas evangelisadoras.» (*Vozes:—Muito bem.*)

Portanto, sr. presidente, assim como, com toda a brevidade, deverão ser propostas n'esta camara medidas de desaffronta ás offensas feitas contra o brio portuguez, assim eu quero prevenir essas medidas, propondo outras de generosidade e de moralidade (*Apoiados*), medidas de illustração; mas de illustração que leva ás almas, juntamente com o conhecimento das verdades civilisadoras, o sentimento do que é justo, do que é santo.

Sr. presidente, se não fossem gentios bravos, sem civilisação nem luzes, os povos das immedições de Bolor, não praticariam o que praticaram, por lhes faltar a luz do espirito, e o espirito da civilisação.

E' pois no sentido que expuz, que eu venho apresentar aqui um projecto de lei á camara, certo de que o emprego das missões ultramarinas, tem sido desde gloriosos tempos, e ainda é, desempeñado por missionarios dignos, que são verdadeiros bonemeritos da religião, da civilisação, e da patria, é a conquista, é a cruzada mais gloriosa do nome portuguez, e que ultimamente tem de tomar o maior desenvolvimento se quizermos civilisação e prosperidade nas colonias ultramarinas.

A organização que nas actuaes condições das cousas tem sido possivel adoptar acerca das missões ultramarinas, tem produzido bons resultados.

Eu tenho a honra de haver sido encarregado de presidir á direcção do real collegio das missões ultramarinas, installado em Sernache do Bom Jardim, sendo conjuncto a este cargo o de superior dos missionarios ultramarinos do padroiro portuguez.

Não era de certo a mim que competia commissão de tão santo e elevado momento, pela exiguidade da minha pessoa, que para tanto não era.

Todavia, ou o equivoço da apreciação, ou a benevolencia do illustre ministro, que actualmente preside os negocios estrangeiros, e então geria conjunctamente os da marinha e ultramar, levou s. exc.ª a indicar-me os seus desejos de que eu exercesse aquelle encargo; recusei com pertinacia, como me cumpria e a consciencia dictava; empreguei delongas, e só quando o nobre ministro me significou que o meu nome lhe parecia indicado, eu lhe respondi: «ahi está o meu nome, se para tanto presta.»

Depois d'isto, limito-me a dizer, pela obrigação do meu cargo, que é necessario auxiliar as missões ultramarinas com bons elementos, com os melhores e mais amplos que podermos.

Nós temos o collegio das missões, que desde 1874 tem dado todos os annos missionarios ao ultramar, e já em tempo anterior os havia dado.

A capacidade do edificio do collegio não comporta mais do que o alojamento de cincoenta alumnos, e contudo eu tenho na secretaria do collegio um masso de requerimentos de manebos, todos habilitados, com preparatorios, que podem ser admittidos como alumnos, e que não sendo correspondentes as vacaturas, estão perdendo tempo, e talvez affrouxado nas vocações.

Faço pois a urgencia para o emprego da facilidade que a lei dá ao governo em prol d'este serviço do Estado.

A carta de lei de 12 de agosto de 1856 prescreve a creação de collegios filiaes nas provincias do reino, para servirem de succursas ao collegio central das missões ultramarinas, e auctorisca o governo a applicar para esse fim conventos que se acham devotados para o catado, e as suas respectivas dotações.

Mas eu tenho concebido um meio de auxiliar ainda mais as missões, porque só com a evangelisação sagrada não me parece que possam directamente produzir todos os resultados que se desejam para a vida economica e mecnica d'aquelles tão atzardos povos; digo directa e immediatamente, pois que no sentido indirecto, certo é que a doutrina do Evangelho, reprehendendo a ociosidade e o desleixo, incita a todos os desenvolvimentos uteis.

O meu pensamento é que n'esses collegios filiaes haja uma secção de estudos agromonicos e de artes fabricis; porque entre os mancebos que se destinam á vida de missionarios por sua vocação benéfica de se consagrarem ao bem dos seus irmãos mais desvalidos, encontram-se não poucos que têm pouca aptidão para as letras e, pelo contrario, a manifestam para as artes; e outros ha a quem não falta aptidão para os estudos litterarios, porém sentem um certo receio ou escrúpulo de se consagrarem ao estado ecclesiastico: de uns e outros tenho encontrado exemplos.

Mas, o que é a belleza do caracter do nosso povo portuguez! Todos esses, posto que contrariados segundo suas aptidões, antes preferem essa contrafacção do que renunciar ao impulso que os leva a dedicarem-se ao serviço da patria e da religião nos exercicios de missões no ultramar; não são escasas as vocações d'esta ordem; e bom será que haja meios facultados para que ellas sejam aproveitadas no nativo caracter.

Estos todos a que me refiro, embora não tenham vocação para a vida ecclesiastica, podem ser excellentes coadjutores dos missionarios, e a certos respeitoes hão de prestar ainda mais serviço do que os proprios missionarios, porque estes, na maior parte das vezes, fallam só dos bens eternos, dos bens celestes, que os povos barbaros não podem apreciar, e aquelles outros ensinam-lhes a fazerem a casa, a agriculturar o campo (*Apoiados.*), etc., etc., e com estes ensinam vão lucrando igualmente os principios da moralidade e da religião, que os mestros, fiéis á sua vocação e á educação recebida no collegio, suave e diariamente lhes transmittem.

Este modo de introduzir o trabalho e as artes é o mais proficuo, porque sem moralidade e sem religião usada ha de solido nome de verdadeiramente progressivo na sociedade dos homens.

Onvi ainda agora a um respeitavel par, o snr. Carlos Bento, dizer: que o negocio mais importante de que o parlamento tem a tratar é o da fazenda.

Pois eu, considero ainda outro mais importante que o da fazenda, é o da moralidade. (*Muitos apoiados.*)

Quero a fazenda, mas para servir de apoio ao desenvolvimento da moralidade, o que não acontecerá se ella fór mal empregada, e menos bem gerida.

Que effectivamente as missões são o meio mais proficuo para evitar desastres como os que ha pouco occorreram em Bolor, não ha duvida alguma.

Ora, querem os dignos pares ver o que diz a cópia de um officio do snr. bispo de Cabo Verde, a um missionario que estava em Zinguichor?

Eu leio:

«Temos muita satisfação em lhe commo-narmos, que nos foi muito agradavel a noticia dos excellentes serviços que prestou no

presidio de Zinguichor por occasião da mis-são que n'elle fez ha pouco. Muito carecerá em verdade esses infelizes povos de quem os ampare com os soccorros e consolações da igreja, e v. s.ª, dispensando-lhes tão benéfico auxilio na medida das suas forças, só tem que esperar as benções de Deus e dos homens de boa vontade, etc.—9 de agosto de 1875».

Este missionario era o padro João Chrysostomo dos Santos, alumno do collegio das missões, e então vigario de Cachou. No pouco tempo de que pôde dispôr catechizou, e conseguiu fazer 165 baptismos, que na proporção de 65 fogos e 977 almas, que de tantas constava a população compacta da localidade do presidio, não foi numero diminuto.

Conheceu ser o povo docil e naturalmente religioso: não tinham parochia e muito o desejavam obter. Conservam ainda com cuidado uma igreja arruinadissima da invocação de Nossa Senhora da Luz; e elle fez um inventario de alguns objectos do culto.

Em toda aquella área de Bissau, Cachou, Bolor, Zinguichor e Farim, só havia dois padres, os parochos de Bissau e Cachou.

Um missionario francez havia alli passado, e prestado gratuitamente, como o nosso prestou de igual sorte, bons serviços. Os paes que têm meios de fazer educar os filhos, vêem-se necessitados de escolas, e porque não as ha portuguezas, mandam os filhos á escola dos francezes em Gorée.

Isto prova que, mesmo no interesse temporal ne ossitamos de grande cópia de missionarios para o ultramar. Esta força é mais poderosa do que a das armas; faz mais um missionario, do que 100 bayonetas.

Mas onde ha estabelecimentos de missões, e seminarios para tanto?

Ora pois eu penso que este ensaio de enviar um corpo de missionarios acompanhado de pessoas educadas nos principios da religião e da moralidade, com certo freio que traz sempre a religião, e que conjunctamente ensinam e exercem as artes uteis, ha de dar bons resultados; e, não só será bom para aquelles povos, mas igualmente uma garantia para se não repetirem os desastres que deploramos.

Se por aquelles sertões habitados dos gentios fellupes (immediações de Zinguichor e Bolor) tivessem andado quatro ou seis missionarios a evangelisar os seus barbaros habitantes, e a dar-lhes educação, como têm feito n'outros pontos os francezes, ter-se-ia de certo tirado grandes beneficios e talvez não houvessemos soffrido a affronta por que acabamos de passar.

A minha proposta é esta. (*Ten.*)

Já disse á camara que não posso prescindir da interpellação ou converaa que devo ter n'esta casa com o illustre ministro da marinha, quanto ás missões e á segurança dos missionarios portuguezes, especialmente na missão de Haínan.

Por essa occasião farei ver o estado em que se acha o collegio das missões ultramarinas, e os missionarios que alli temos enviado, e outras cousas que creio a camara terá interesse em saber, porque não tem sido aqui tratadas.

Vozes:—Muito bem.

(S. Ex.ª R.ªª foi cumprimentado por diferentes membros da camara.)

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

«A Palavra», nosso estimado collega do Porto, publicou, ao apparecer o 1.º volume do «Liberalismo desmascarado», o seguinte artigo:

O Liberalismo Desmascarado (1.º VOLUME)

Sahiú allim á luz o 1.º volume do

promettido e tão desejado e esperado livro que tem por titulo—«O liberalismo desmascarado.» Esta obra importantissima é extrahida dos escriptos que sobre o assumpto tem elaborado o padre Henrique Ramière, da Companhia de Jesus, bem como de varios outros auctores, e ainda da doutrina dos proprios liberaes; traduzida, compilada e annotada por um *Vimaranense*; e offerecida e dedicada por seu editor, o snr. Teixeira de Freitas, aos amantes da verdade.

Só por esta enunciação se pôde colligir a excellencia da obra de que nos occupamos, ou pelo menos deve ser um incentivo para que seja procurada, muito lida e estudada.

Muitos e gravissimos escriptores, em nossos dias, tem demonstrado com toda a sorte de argumentos o que é o liberalismo, essa peste perniciosa das sociedades modernas, esse flagello que ha bastantes annos actua na humanidade.

A mesma experiencia a todos diz que os males de que tem sido victima a Europa, veem nas mãos impias, sacrilegas e homicidas do liberalismo, verdadeiro aborto do inferno. As desgraças politicas dos thronos e das nações d'aqui vieram.

A ruina da sociedade tem a sua origem na ruina dos costumes; e a ruina dos costumes tem-se promovido pelos absurdos principios da incredulidade e da anarehia, paes legitimos do infame liberalismo.

Tem pretendido negar esta these os proclamadores e fautores das ideias liberaes; porém uma verdade ainda que seja teimosamente negada, não deixa de ser verdade.

Neguem o que quizerem: é evidente que o liberalismo procura, e sempre procurou, dissolver o laço da religião, allucinar os incautos e converter os erros do entendimento na corrupção do coração, sendo o ultimo fim perturbar todas as ideias, violar todas as leis, lançar o mundo no caos e na desordem.

Por desgraça ainda muitos se illudem com o liberalismo, apesar das derrotas que tem levado no campo do raciocinio, apesar das lições da historia que é a mestra da vida, e principalmente pelas funestas calamidades que tem produzido.

Os sabios, por meio d'uma theologia solida, sustentada em principios consequentes, sobre a mais forte dialectica, sobre a critica mais sensata, sobre a metaphisica mais profunda e a mais bem considerada philosophia moral, tem patecido todo o horror do liberalismo.

N'esta materia se tem immortalizado os Veillot, os Tapurelli, os Silbertore, os Ramière, os Segar, os Onclair, os At e outros, cujos nomes são bem conhecidos de todos os que querem en-

tender a mais importante questão social religiosa da nossa epocha.

O «Liberalismo desmascarado» que agora acaba de sair dos prélos portu-guezes compilado por um *Vimarense* é editado pelo snr. Teixeira de Freitas, é mais um defensor da boa causa, que vem juntar-se áquelles eximios escrip-tores. A sua doutrina solida, exposta com a maior clareza, é colhida nas fon-tes mais puras, quaes são as obras dos referidos auctores, principalmente o Pa-dre Ramière e a «Civiltá Catholica,» o mais bem sortido arsenal para se muni-rem os combates do liberalismo, em pró da religião e da sociedade.

No prologo diz o traductor:

«Empreguei alguma diligencia para que devéras fosse desmascarado o grande erro contemporaneo, o monstro da nossa epocha, bem certo de que se o erro fór conhecido, prestes acabará a terrivel fascinação que exerce sobre as almas, e que se o monstro fór descoberto, com a prevenção, todo o perigo haverá sido afastado.»

Está com effeito bem traçado o pla-no d'esta obra, e felicitamos o illustre compilador pela sua cabal execução. E' uma obra irrefutavel que desmascara in-teiramente o liberalismo que tanta gen-te tem illudido; o liberalismo sob todas as faces, seja qual fór o nome que tome: o liberalismo catholico, politico, exalta-do, conservador, moderado, etc.

O 1.º volume publicado consta de duas partes: a *Banca-rotta do liberalis-mo, e o liberalismo catholico*; seguidas d'um extenso appendice pelo traductor, que não é menos interessante que as par-tes antecedentes.

Ahi se demonstra plonamente o que é o liberalismo, os seus erros e mentiras, a sua banca-rotta intellectual, os males que tem causado. Em um capitulo sepa-rado se trata do liberalismo politico, e se esclarece um equivoco a este respeito.

Meditem bem o que ahi se diz os que se intitulam liberaes em politica, e que ao mesmo tempo querem ser ca-tholicos.

A segunda parte que versa sobre o li-beralismo catholico é tratada com mão de mestre, e nada deixa a desejar. Recom-mendamos sobretudo o capitulo em que mostra a arvoreda geração do liberalis-mo.

Os liberaes francamente impios bem sabem o fim a que tendem, e por isso não estranham que os catholicos descu-bram os seus *mysterios* que já são ma-nifestos. O que é lamentavel é que haja catholicos que se deixem cegar a ponto de não conhecerem a malvadez do liberalis-mo, e de crerem que podem em boa consciencia seguir os principios liberaes. Estes (ao menos alguns) certamente se lião de admirar de ver que liberalismo e ma-çonaria sejam uma e a mesma cousa.

Mas tenham paciencia. A verdade é esta, e é tempo que se desilludam: ou catholico ou liberal. Leiam meditadamen-te o «Liberalismo desmascarado» e co-nhecerão que devem abandonar por uma vez o monstro a que se teem sacrificado, tomando partido pela causa da religião e da politica christã, a unica que pôde salvar a sociedade de convulsões e de ca-taclismos espantosos.

Recommendamos, pois, esta preciosa obra a todos, porque a todos interessa a sua leitura e estudo: aos que já combatem o liberalismo, para que cada vez mais se fortifiquem na sua crença; aos illudi-dos, para que se desenganem; aos tibios para que se animem; aos cegos, para que abram os olhos; aos ignorantes, pa-rra que se esclareçam; a todos, para que trilhem o verdadeiro caminho. Não ha quem não possa utilizar com a sua me-ditação séria.

Não ha n'ella uma só pagina que não contenha doutrina a mais solida e segu-rra. Chamamos sobretudo a attenção do leitor para as notas que estão espalha-das por todo o volume, e para o appen-dice.

Esta obra honra o seu traductor, com- pilador e annotador, que já é conhecido com o nome de *Vimaranense*, pelos opti-mos e irrespondiveis escriptos que tem elucubrado, já na imprensa periodica, já em volumes.

Ao snr. Teixeira de Freitas, editor do «Liberalismo desmascarado,» damos os nossos parabens pelo grande serviço que presta á religião e á sociedade com a publicação d'esta obra.

O «Liberalismo desmascarado» é mais uma prova do seu zelo e dedicação pela propagação dos sãos principios reli-giosos e sociaes.

Como muito bem diz o traductor, esta obra, para ser apreciada só carece de ser conhecida.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

RETROSPECTO DA QUINZENA

O facto mais extraordinario e que mais devera fazer morder de raiva a imprensa libertina e impia é a solemne, imponente e magestosa manifestação que a imprensa catholica acaba de fazer dos seus sentimentos de amor filial e de respeitosa adhesão á Egreja.

MIL TREZENTOS E DOIS jornaes, col-laborados por mais de QUINZE MIL es-crittores, se fizeram representar no dia 22 de fevereiro aos pés de Leão XIII!!

E' que a imprensa catholica só tem uma bandeira—a Cruz;—um só chefe—o Papa;— uma só lei que defender—o Evangelho.

Com razão diz o nosso estimado col-lega do Porto, a «Palavra»:

«O jornalismo catholico apresentou

um testemunho que nenhum outro é ca-paz de offerecer. Ha muito maior nume-ro de jornaes revolucionarios do que ca-tholicos, mas o que todos pôdem affir-mar é que seria impossivel reunir 1:302 jornaes que affirmassem unanimes, com-pactos e unidos, a mesma crença, a mes-ma doutrina, a mesma obediencia. Ao passo que o jornalismo catholico se mos-tra formando um corpo inseparavel, o jornalismo revolucionario apresenta o lamentavel espectáculo de incessante des-união e de contradicção manifesta nas suas doutrinas.

Embora alguns jornaes catholicos discrepem entre si sobre questões poli-ticas e governativas, na grande questão religiosa tem só uma palavra de ordem —a obediencia passiva aos ensinamentos da cadeira de S. Pedro.»

Na primeira plana do nosso periodi-co d'imos cabida ao magnico discurso que por essa occasião sahiu dos labios de Leão XIII.

* * *

Apoz a morte do venerando minist-ro de Pio IX, de saudosissima memo-ria, o cardeal Antonelli, as mil boccas da imprensa revolucionaria principiaram de vomitar immunda baba sobre o nome do imminente prelado, apresentando-lhe uma herdeira, que se dizia sua filha. As revistas illustradas juntaram á des-cripção do facto o retrato da condessa de Lambertini, que não teve pejo de se dizer filha adultera d'um cardeal, com a mira não sei se na herauça, se na gloria que podia advir-lhe em se fa-zer instrumento de revolução que, mais que o dinheiro, queria o escandalo, o escandalo para a memoria do homem que mais havia penado sobre ella!

Como os interesses arrastam uma mulher até ao ponto de ir dizer perante um tribunal que sua mãe manchára o talamo nupcial, fazendo-se a Alais de um cardeal! Triste cegueira a que leva uma mulher a cuspir o maior dos in-sultos na memoria do ente que lhe dê-ra o ser! Uma filha fazer da propria mãe, que fora talvez modello de espo-sas, uma criminosa, uma adultera!..

Nada, porém, lhe valeu, e o escan-dalo recahiu sobre ella, sobre a revolu-ção.

Os magistrados romanos regeitaram as allegações da condessa de Lambertini, condemnando-a nas custas.

Eis os motivos apresentados pelo tribunal para ditar a sentença conde-mnatoria:

«Considerando que o estado civil da condessa Lambertini, como filha legitima dos esposos Marconi-Ballerini, está suf-ficientemente estabelecido:

1.º Pela acta do matrimonio, cele-brado em 23 de julho de 1826 entre An-gelo Marconi e Antonieta Ballerini;

2.º Pelo certificado do cura de Santa Maria *in via* de Roma, que no registro parochial de 1855 indica a familia Marconi composta de Angelo, de Antonietta, sua mulher, e de Marco seu filho;

3.º Pelo livro do baptismo da dita parochia, d'onde consta que em 25 de outubro de 1855 fora baptisada a filha Loreto, nascida a 21 do mesmo mez, dos pais Angelo Marconi e Antonietta Ballerini;

4.º Pelos registros da estatistica pontifical, pelos quaes consta que a familia Marconi comprehendia o pae Angelo, a mãe Antonietta e os filhos Mario e Loreto;

5.º Pelo censo da população de Roma, feito em seguida à lei de 20 de junho de 1871, pelo qual resulta que a familia Marconi tinha dois filhos, Mario e Loreto;

6.º Por um decreto de 23 de março de 1872 dado pelo commissario do segundo districto de Roma, constituindo um conselho de familia à menor Loreto Marconi, nascida do matrimonio dos defuntos Marconi e Ballerini; conselho de que fazia parte Mario, como irmão de Loreto Marconi;

7.º Por uma escriptura do notario Bini, feita em 25 de março de 1872, pela qual se fez o inventario dos bens da fallecida Antonietta Ballerini, a requerimento do tutor de Loreto Marconi, filha de Antonietta Ballerini;

8.º Pelo decreto da audiencia de Roma, que em 7 de fevereiro de 1873 dá consentimento para o matrimonio entre a menor Loreto Marconi e o conde de Lambertini;

9.º Finalmente, pela acta solemne do matrimonio em 3 de março de 1873, na qual a esposa se intitula Loreto Marconi, filha dos fallecidos Angelo Marconi e Antonietta Ballerini;

Considerando que antes do seu matrimonio a condessa Lambertini uzou sempre o appellido de seu pae Angelo Marconi, e ha sido constantemente reconhecida como tal em todos os actos publicos da sociedade civil;

Considerando que, entre todos os documentos que tem apresentado para provar por testemunha supposição e simulação do seu nascimento, assim como a sua qualidade de filha do cardeal Antonelli, não ha um unico que possa constituir um principio de prova por escripto, quer seja emanado dos registros ou das cartas do pae ou da mãe, quer das actas ou escripturas publicas de uma das partes interessadas no debate ou que, se vivesse, n'elle podesse ter interesse;

Considerando que estes principios se acham corroborados e confirmados pela lei II. *Cód. de testes. Si tibi controversia ingenuitatis fiat, defende causam tuam instrumentis et argumentis quibus potes; soli etenim testes ad ingenuitatis probationem non sufficiunt;* e pela lei V,

Cod. de probat., onde se diz: *Ad probationem sola (escripturas privadas) non sufficiunt;*

Considerando que, mesmo admittindo que a condessa Lambertini podesse chegar a provar a sua qualidade de filha do Cardeal Antonelli, esta prova seria absolutamente inutil sem a designação da mãe, cujo conhecimento é indispensavel aos juizes para saberem se se trata de uma filha natural, isto é de uma filha nascida de um homem e de uma mulher não casados, ou se se trata de uma filha incestuosa ou adulterina á qual o codigo civil não attribue nenhuma successão;

Considerando que, na hypothese da prova da sua real filiação do Cardeal Antonelli, a condessa Lambertini seria, qualquer que fosse sua mãe, filha sacrilega, estando o Cardeal Antonelli revestido pelas sagradas ordens, e que o Codigo Civil prohibe a retroacção n'esta materia, não lhe reconhecia direito algum á sua successão.»

«O tribunal, accrescenta o diario hespanhol d'onde transcrevemos esta importante noticia, reconheceu as decisões do tribunal civil de Roma, fechado em 19 de fevereiro de 1878; repelio as pretensões da condessa Lambertini e conlennou-a nas custas.»

Repetimos o pedido que faz o nosso collega de Madrid:

Supplicamos a todos os jornaes catholicos que reproduzam esta noticia, já que aquelles que tanto a espalharam se conservam mudos.

* * *

O cardeal Guidi, fallecido ha dias, era um sabio theologo e philosopho que no Concilio do Vaticano deu sobradadas provas de seus vastos conhecimentos.

De paes desprovidos de fortuna, havia nascido em Bolonia em 1815, e foram os seus merecimentos que o elevaram á alta dignidade de principe da Igreja.

Era Perfeito da Sagrada Congregação da irmandade ecclesiastica, e membro da Sagrada Congregação do Santo Officio, Bispos Regulares, Indice Exame de Bispos e Estudos.

Tambem era protector da Ordem dos Menores de S. Francisco de Paula, e presidente da commissão protectora dos Benedictinos do Monte Casino da primitiva observancia.

* * *

A França é o paiz das maiores parvoçadas que j'amaes povo algum imaginára.

Vejam do seguinte, que encontramos n'uma correspondencia de França para um jornal madrileno:

«Acaba de apparecer em Montpelier um periodico intitulado—A COMMUNA LIVRE.

Que quer que lhe diga do valente

paladino que cheio d'entusiasmo e armado de ponto em branco, não disse bem, de petroleo e picareta em riste, vem á arena jornalistica illustrar esta pobre humanidade retrograda?

Não diz bastanté o seu titulo? COMMUNA LIVRE!

Não lhe parece de sobra?

Pois lá vae o seu programma:

«Fim de todas as familias que tiveram reinado, venda de seus bens em proveito da classe operaria.

Liberdade d'imprensa sem censura.

Suppressão de fiança para os jornaes e do imposto sobre o papel.

Abolição do juramento.

Liberdade completa da palavra edas minifestações de toda e qualquer especie.

Suppressão de subsidio para o culto.

Separação do municipio e da Igreja.

Nada de religião conhecida pelo Estado e pelo municipio.

Liberdade aos secerdotes, religiosos d'um e outro sexo, *de se casarem*, sem auctorisação previa.

Expulsão dos jesuitas e qualquer ordem religiosa que directa ou indirectamente se occupar de politica.

Interdicção absoluta d'ensino ao clero regular e secular. A lei intervirá na collação dos graus.

Abolição das universidades catholicas.

Devolver aos municipios os bens de mão morta e de todos os monumentos publicos (*comprehendidos os do culto.*)

Amobilidade da magistratura.

Revisão dos codigos.

Reforma do systema penitenciario.

Abolição dos processos ordinarios; as partes poderão defender-se a si mesmas.

Instituição do jury em todas as causas judiciaes.

Abolição da pena de morte.

A justiça administrada gratis.

Estabelecimento do divorcio.

Liberdade d'ensino, *excepto para o clero*, etc.

Não ha tempo a perder, accrescenta a COMMUNA LIVRE: aproxima-se o anno de 1881 e é mister que para essa epocha esteja organizado e cheio de seiva o partido socialista federal.»

Ahi fica a noticia sem commentarios.

* * *

Vae apparecer a «Critica á Critica», devida á pena do nosso director e mestre o R.º Padre Senna Freitas, obra tão desejada quão necessaria, para refutar, ou antes para dar uma lição á estulticia atrevida d'um padre desvairado, e que para nós vale tanto como o fradinho que nos apresenta o snr. Alves Martins no seu drama o *Santo Antonio*, servindo de juguete e d'alvo ás pedradas do rapazio.

Venha; venha a «Critica á Critica»!

J. DE FREITAS.